

A mídia e as imagens de pais de homossexuais: o exemplo da série Glee

*The media and the images
of parents of homosexuals:
the example of Glee*

Luana Pagano Peres Molina

*Doutoranda no programa em Educação pela UFSCar
lppmolina@hotmail.com*

A large, bold, black number '2' is centered on the right side of the page. The background of the entire page is a light gray grid of vertical lines.

Resumo

Esta pesquisa parte de discussões sobre a sexualidade humana frente a uma perspectiva midiática, como, por exemplo, a série norte-americana *Glee*. Apresenta como objetivo principal relacionar imagens de pais de homossexuais, por meio desse seriado, e levantar reflexões sobre as dificuldades e a homofobia enfrentadas por pessoas homossexuais frente aos seus familiares.

Palavras-chave: Homofobia. Diversidade Sexual. Série *Glee*.

Abstract

This research part of discussions about human sexuality against a media perspective, such as the North American series *Glee*. The main objective of this article is to relate images of gay parents, through this series, and lift reflections on the difficulties and homophobia faced by gay people in front of their family.

Keywords: Homophobia. Sexual Diversity. Series *Glee*.

A capacidade de experimentação do sujeito e de todas suas possibilidades – enquanto pluralidades, dimensões, ressignificações e encontros consigo e com os outros – oferece-nos também, no âmbito da sexualidade, o confronto, os discursos, as marcas, as identidades e os prazeres.

Ao pensarmos sobre a diversidade sexual, buscamos abranger toda a gama de indivíduos que se reconhecem como homossexuais, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis, os quais cruzam e borram as fronteiras dos padrões ocidentais de sexismo e heteronormatividade, modelados pela cultura e construídos socialmente.

As diversas experimentações da sexualidade humana não podem ser entendidas fora do seu contexto sociocultural, portanto:

Todo indivíduo nasce num momento dado da história, no seio de uma cultura distinta. Seus desejos, suas emoções e relações interpessoais são formados pelas suas interações com a cultura, dentro da sociedade em que vive (WEREBE, 1998, p. 15).

Para a pesquisadora Deborah Britzman (1996), pensar a diversidade das identidades sexuais e de gênero significa não apenas ver esses elementos como efeitos constitutivos das relações sociais e da história, mas também como capazes de rearticular o desejo e o prazer. Quando se trata de questões de desejo, de amor e de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma; de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade.

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida. Nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (BRITZMAN, 1996, p. 74).

Ainda segundo a autora, os mitos criados acerca da homossexualidade, ao longo dos tempos, acabam por eficazmente produzir noções normativas que posicionam a heterossexualidade como sendo a sexualidade estável e natural, inviabilizando o sujeito homossexual de vivenciar com plenitude seus direitos como cidadãos, levando-os a um isolamento social e emocional. Assim, entendemos que

[...] a identidade heterossexual normativa exija que se construa, ao mesmo tempo, a homossexualidade como falta a que se deixa de pensar é que todas as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição (BRITZMAN, 1996, p. 91).

Todos que fogem dos padrões de normas e valores passam a tornar-se desviantes, imorais e marginalizados, conseqüentemente, vítimas de preconceitos e discriminações, devido à sua orientação sexual e à identidade de gênero.

Ao pensarmos a respeito de nossas diferenças e dos estereótipos sociais, sejam de ordem da orientação sexual ou não, fazemos uma leitura social sobre nossas condições imersas em diferentes situações sociais. Portanto, ao caracterizarmos os homossexuais como desviantes, atribuímos sentidos sociais que perpassam o indivíduo e sua interação na sociedade. Como agravante, a diversidade sexual – indivíduos LGTBTT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros) – ainda é pontuada nos discursos sociais e estigmas, com base na patologização, como distúrbio ou doença.

Conforme Goffman (1993), o estigma estabelece uma relação impessoal com o outro. Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, os esforços e os movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade. O social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder, anulando todos os que rompem ou tentam romper com esse modelo. O diferente passa a assumir a categoria de “nocivo”, “incapaz”, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão.

O conhecimento que os outros têm do estigmatizado pode ser baseado nos rumores ou nos contatos anteriores. Outro aspecto a determinar em uma situação do sujeito portador de um estigma visível é até que ponto isso interfere em suas interações com o meio social. A identidade social estigmatizada destrói atributos e qualidades do sujeito, exerce o poder de controle das suas ações e reforça a deterioração da sua identidade social, enfatizando os desvios e ocultando o caráter ideológico dos estigmas. A sociedade impõe a rejeição [...] (GOFFMAN, 1993, p. 56).

Por muito tempo, a homossexualidade foi associada à doença, no entanto, no Brasil, em 1984 a Associação Brasileira de Psiquiatria colocou-se contra qualquer forma de discriminação e preconceito voltados a gays e lésbicas.

No mesmo ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e, no ano seguinte, o Conselho Federal de Medicina opuseram e proibiram a classificação da homossexualidade como desvio ou doença. Porém, somente em 1990 a OMS retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID):

Atualmente, atenta-se para a mudança da palavra homossexualismo, tão arraigada culturalmente e ainda utilizada por muitos estudiosos, para homossexualidade; por entender que o sufixo – ismo remete ao sentido de doença, como por exemplo: alcoolismo, reumatismo, raquitismo, entre outros. Portanto, continuar a utilizar o termo homossexualismo é insistir em remeter-se à ideia de doença e de perturbação mental para pessoas homossexuais, situação que desde 1970 é negada pela Medicina (MOLINA, 2010, p. 14).

Uma das maiores dificuldades para as pessoas homossexuais cercadas por tantos mitos e tabus está presente principalmente na homofobia, que ocorre nas relações familiares e na linha tênue entre os vislumbres, sonhos e expectativas dos pais para com os(as) filhos(as) e a violência física e moral, marcada pela exclusão e marginalização:

Notamos que essas agressões são acompanhadas de fortes temores compartilhados pelos pais e demais familiares em relação à descoberta de uma sexualidade não normativa em seus filhos. Em regra, essa descoberta deflagra os sentimentos mais diversos que se concentram nos aspectos negativos que essa sexualidade considerada “suja” pode encerrar. O malogro da homossexualidade desperta sentimentos de difícil lida, os quais misturam medos e culpas num esforço premente de recuperação daqueles que transgridem. Tapas, socos, xingamentos, recriminações e ameaças fazem parte dessa terapêutica que visa única e exclusivamente trazer esse sujeito às raias da normalidade ocasionalmente rompida (SOLIVA, 2010, p. 65).

Para Soliva (2010), a percepção da homossexualidade como pecado ainda está presente na compreensão que os pais constroem a seu respeito. Esse entendimento encontra-se fortemente amarrado na noção corrente de que a homossexualidade transgride as leis divinas, por não ter como projeto primordial a procriação.

Dessa forma, entendemos por ações homofóbicas atos que expressam a aversão, o ódio ou a discriminação contra pessoas homossexuais. Entendemos o preconceito e sua fundamentalização discriminatória como um

[...] tratamento desfavorável dado habitualmente a certas categorias de pessoas e/ou grupos. Refere-se a processos de controle social que servem para manter a distância social entre determinados grupos, através de um conjunto de práticas, mais ou menos institucionalizadas, que favorecem a atribuição arbitrária de traços de inferioridade (CANDAU, 2003, p. 18).

Dessa ação discriminatória, os olhares, as palavras, a expulsão de casa, os comentários, as explosões de raivas com o discurso “prefiro um filho morto a um filho gay” são situações que jovens LGBTTT enfrentam diariamente frente à sua organização familiar.

Devemos pontuar também que há pais que buscam informações, querem entender o que se passa com o(a) filho(a), procuram apoiar e, mesmo diante do medo, do preconceito e do estranhamento com a situação apresentada, expressam sua afetividade às vezes através do uso do conhecido enunciado “amo meu filho acima de tudo”.

Uma dessas mães é a pesquisadora brasileira Edith Modesto, a qual, buscando conhecimento e ajuda para aceitar a homossexualidade de seu filho mais novo, criou, em 1997, o Primeiro Grupo de Pais Homossexuais (GPH), grupo presencial e virtual, tendo como principal objetivo

[...] acolher os pais que têm dificuldade de aceitação, em qualquer estágio do processo em que estiverem, para que, por meio da identificação e da solidariedade, um ajuda o outro, mesmo que somente levantando dúvidas e questões que serão pensadas e discutidas por todos (MODESTO, 2009, p. 9).

A autora pontua ainda que o maior interesse dos jovens LGBTTT é saber como conversar com seus pais e como fazer para serem aceitos por eles.

Assim como Edith Modesto focou-se em partilhar informações sobre os indivíduos LGBTTT, deslocando seus olhares e experiências com o grupo de pais, atualmente há na mídia uma rede de novelas, séries e filmes que abordam questões referentes à diversidade sexual, abrindo possibilidades para novos diálogos. Um dos exemplos mais bem elaborados é a série musical televisiva *Glee*, dirigida pelo diretor Ryan Murphy e produzida e distribuída nos Estados Unidos pelo canal de TV FOX. No Brasil, além do canal a cabo FOX, a primeira e a segunda temporadas da série também foram transmitidas pelo canal aberto da rede Globo.

O enredo de *Glee* é ambientado em uma escola pública de Lima, Ohio, e sua principal trama envolve os esforços do professor Will Schuester (interpretado pelo ator Matthew Morrison) em reativar um clube de coral, o *Glee Club*, que anos antes foi motivo de orgulho da escola, apesar de ser conhecido como o clube pelo qual somente os desajustados da escola têm interesse. Para que a escola volte a investir dinheiro no *Glee Club*, Will reúne estudantes talentosos, mas marginalizados, para que tentem vencer um campeonato regional de corais.

A principal característica dos alunos que se inscrevem inicialmente para o Glee Club é o desajuste: Rachel (Lea Michele) é a típica loser/perdedora que sonha em ser a garota mais popular da escola, Artie (Kevin McHale) é cadeirante, Kurt é homossexual, Tina (Jenna Ushkowitz) é gaga e asiática e Mercedes (Amber Riley) é negra. Nenhum deles tem outros amigos que não eles mesmos, e entrar para o Glee Club torna isto oficial. A série assume para si este discurso de “o que é diferente é especial”, e praticamente todos os treze primeiros episódios da temporada se concentram na tentativa de mostrar que as diferenças são algo positivo, que não é necessário ser como os outros, mas assumir quem você é e ser feliz assim (ESTEVES, 2010, p. 33).

A escola é o espaço por excelência da transformação, como também da ordem e do conservadorismo, concretizando preconceitos e cristalizando estereótipos. Dessa forma, a série retrata vários nichos de estigmas e indivíduos estereotipados do cotidiano da escola.

Ao focarmos no garoto homossexual chamado Kurt Hummel, temos o intuito de analisar e estreitar os olhares sobre os laços e histórias com seu pai, o personagem Burt Hummel. Essa relação parental – pai e filho – é retratada entre uma linha tênue de aceitação, apoio e amor, mas também com alguns aspectos de estranhamento frente ao medo, ao desconhecido e ao preconceito.

O pai de Kurt é caracterizado pela série como um homem tipicamente dentro de um ideal masculino, na medida em que exerce a profissão de mecânico. Possui pouco entendimento sobre moda ou aquilo que se refere ao universo feminino, apresenta muita dificuldade em exprimir seus sentimentos e demonstrar afetividade, embora, ao longo da série, reaprenda, por meio da relação com seu filho, a expressar-se.

De uma forma geral, os conflitos gerados a partir do personagem adolescente e homossexual se dividem entre a autoaceitação, o sair do armário para si mesmo e a aceitação por parte dos amigos e da família.

Na primeira temporada da série, no quarto episódio intitulado *Preggers* (Grávidas), Kurt conta ao seu pai sobre sua orientação sexual, assumindo-se gay. É uma cena belíssima, uma vez que o pai, diante da fala do filho, diz que já sabia da sua homossexualidade desde os três anos de idade, não demonstrando surpresa ou algum tipo de aversão ao filho.

A partir daí vemos na série, embora também permeada pelos estranhamentos que normalmente ocorrem na nossa relação com a diferença. Edith Modesto, com o intuito de esclarecer os pais sobre a diversidade sexual e ajudar no processo de aceitação destes para com as(os) filhas(os), relata que, no grupo de pais:

[...] conversamos sobre o que é a homossexualidade, ouvimos muitos desabafos – alguns desesperados –, trocamos palavras de apoio, escutamos relatos de experiências, discutimos textos teóricos e tiramos dúvidas relacionadas à questão, visando a uma reconceitualização do assunto. Também indicamos, uns aos outros, instrumentos de mudança – emocionais e práticos (MODESTO, 2009, p. 10).

Ajudar os pais no processo de entendimento sobre as angústias, medos e questionamentos de filhos(as) é essencial para uma melhor aceitação, evitando omissão dos diversos tipos de violência social, construindo uma autoestima saudável e um ponto de referência positivo e estável.

Burt Hummel busca, ao longo dos episódios, apoiar seu filho, em alguns momentos sofrendo junto com ele perante as atitudes homofóbicas presentes no cotidiano escolar e tentando protegê-lo das situações de *bullying* homofóbico, mas, quando começam as ameaças de morte e as agressões físicas, resolve retirá-lo da escola e inseri-lo em um colégio particular, mesmo diante da sua situação financeira modesta.

Casos similares de apoio familiar são visíveis em experiências como o Grupo Purpurina, em São Paulo, uma iniciativa de pais heterossexuais para jovens gays e lésbicas no Brasil – um projeto multicultural dedicado aos jovens LGBTT desenvolvendo assuntos variados, inclusive a aproximação de jovens com seus familiares, diminuindo o sentimento de vergonha e medo. Os encontros acontecem aos domingos, a partir das três da tarde, sendo localizados no metrô da República. Acredita-se que cerca de 80 a 100 jovens frequentem o local todo primeiro domingo do mês.

Nos encontros, eles discutem temas polêmicos, escolhidos e monitorados por jovens coordenadores, se socializam

com a ajuda de dinâmicas, quebram preconceitos, aprendem sobre prevenção de DST/Aids, sobre direitos humanos, paqueram e se divertem muito com uma balada fervida ao final de cada encontro (MODESTO, 2013, p. 2).

Burt Hummel e Kurt, no seriado *Glee*, abordam também as dificuldades do processo de construção de diálogo acerca da sexualidade na adolescência, ainda mais por este ser homossexual, além de ressaltarem nessa construção e no diálogo a importância de lembrar as consequências do preconceito, que pode perdurar e multiplicar-se ao longo do tempo.

O episódio *Grilled Cheesus* da segunda temporada da série é marcado pela dor do filho ao ver seu pai em uma situação de quase morte devido a um problema cardíaco. A cena gera grande comoção, principalmente quando Kurt canta *I Want to Hold your Hand*, dos Beatles, que inspira a confiança e o amor que um sente pelo outro, o cuidado em estar perto e fazer-se presente. Nesse momento, o garoto passa a recordar momentos vivenciados ao lado do pai, como quando este o ensinou a andar de bicicleta, quando brincava de casinha com ele, fingindo tomar o chá da tarde, ou no enterro da mãe, momento em que o pai segurou a sua mão. A construção narrativa da cena, recorrendo a episódios de *flashback* da infância de Kurt, demonstra grande afetividade, respeito e confiança construídos por ambos, que precisam um do outro para se verem, se completarem, se fazerem felizes.

Já o exemplo oposto retratado no seriado é o do personagem Karofsky, um adolescente também homossexual, mas que não se aceita e hostiliza Kurt por ter sua orientação sexual assumida. O ponto auge desse personagem está no episódio *My One Way*, da terceira temporada, na cena em que este tenta cometer suicídio, após ter sua orientação sexual exposta na escola e na internet. Devido aos seus sentimentos reprimidos e à falta de apoio familiar – sua mãe o tratava como um doente que podia ser curado –, o personagem é levado à tentativa de suicídio.

Diferentemente de Kurt Hummel, que tem o apoio de seu pai e que dá a volta por cima em face de todas as discriminações enfrentadas, de maneira a demonstrar a segurança em si e em sua identidade, o personagem Karofsky nos traz o outro lado da moeda, uma vez que representa a violência da homofobia internalizada, mas também a vulnerabilidade, o medo e o desespero por não ter apoio e não saber como lidar com o que é e sente.

Portanto, vemos retratado no episódio um exemplo dos altos índices de suicídio entre jovens LGBTT, como aponta Junqueira (2009, p. 26):

É preciso lembrar que importantes estudos realizados em diversos países europeus e na América do Norte mostram que a incidência do risco de suicídio (em função da homofobia e não em virtude de uma implausível associação naturalizante entre homossexualidade e comportamento suicida). Nos EUA, 62,5% dos adolescentes que tentam suicídio são homossexuais. Ali e no Canadá, pessoas entre 15 e 34 anos homossexuais têm de 4 a 7 vezes mais riscos de se suicidarem do que seus coetâneos heterossexuais. Este risco é acrescido de 40% no caso das jovens lésbicas.

A mídia exerce influência significativa na construção do imaginário das pessoas no que concerne às identidades sexuais e de gênero. Junto a diversos programas televisivos e filmes que hoje retratam temas decorrentes da diversidade sexual, identificamos na série *Glee* fortes elementos de um discurso e exercício de alteridade, no caminho de desconstruir preconceitos e permitir novos olhares.

Como retrata a série através dos personagens homossexuais Karofsky e Burt, o processo de aceitação familiar vai da exclusão e marginalização à aceitação, o que pode resultar no auto-ódio ou na autoaceitação por parte de adolescentes homossexuais. A busca da família por informações, fugindo do senso comum, perpassando tabus e mitos, revendo muitas vezes sua própria formação, pode permitir ao jovem LGBTT encontrar suporte emocional e afetivo no combate à homofobia e nas desconstruções de sexismo e normatizações sociais, presentes na formação das identidades sexuais e de gênero.

O sofrimento de fingir-se heterossexual (como, por exemplo, quando o personagem Karofsky finge que Santanna é uma de suas namoradas), o esforço desmedido para agradar aos pais, encenando modelos da masculinidade hegemônica (quando Kurt entra no time de futebol e fica entusiasmado ao ver seu pai na arquibancada), os conflitos religiosos e todos os outros enfrentamentos sociais e pessoais encontrados no cotidiano da vida de jovens LGBTT são explorados nos episódios da série e reforçam a necessidade de darmos urgência ao sentido das leis e do termo direitos humanos, produzindo representações afirmativas acerca das diferentes identidades sexuais e de gênero na mídia, na família e na escola.

Por fim, assim como Edith Modesto, que criou mecanismos de resistência e enfrentamento à homofobia e à marginalização, levando conhecimento e informação, apoio mútuo aos familiares de pessoas

homossexuais, devemos refletir e partir para um movimento de vivências mais igualitárias. Tal movimento exige reaprender a olhar novos horizontes, cruzar novas fronteiras, traçar novos caminhos, reinventar novos territórios na nossa relação com a diferença.

Referências

- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, p. 71-95, jan./jun. 1996.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). *Somos todos iguais?* escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ESTEVES, Ana Camila; ARAÚJO, João Eduardo. I Feel Like Lady Gaga: a narrativa de um personagem de Glee. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6. UFBA. maio 2010.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damicó. *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Editora da UEL, 2007.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: la identidad deteriorada*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação; Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2009.
- LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.). *Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres; Editora da Uniban, 2009.
- LINS, Regina Navarro. *O Livro do Amor*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012. v. 1.
- MELO, Zélia Maria. Os Estigmas: a deterioração das identidades sociais. In: *Sociedade Inclusiva*. São Paulo: Editora da PUC, 1998. Disponível em: <<http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/estigmas.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.
- MODESTO, Edith. *Entre Mulheres: depoimentos homoafetivos*. São Paulo: GLS, 2009.
- _____. Grupo de Pais de Homossexuais. Disponível em: <www.gph.org.br/purpurina.asp>. Acesso em: 30 maio 2013.
- MOLINA, Luana Pagano Peres. *Professores Homossexuais: suas vivências frente a comunidade escolar*. 2010. Monografia (Especialização em Psicologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- MOTT, Luiz. *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 2003.
- SOLIVA, Thiago Barcelos. Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. *Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidade, deslocamentos*, ago. 2010.
- WEREBE, Maria José Garcia. *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Autores Associados, 1998.